



GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas – Trabalho 303

## O EXÍLIO BRASILEIRO, A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS PERCURSOS DE ELZA FREIRE NOS ANOS DE 1964 A 1979

Nima I. Spigolon – UNICAMP

Agência Financiadora: CAPES

### Resumo

O trabalho analisa o exílio como consequência do golpe de 1964 que instaurou a ditadura no Brasil e suas relações com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Caracteriza-se com os percursos de Elza Freire entrelaçados aos de Paulo Freire, vinculados a Educação. O recorte de 1964/1979 recobre cenários nacionais e internacionais. Objetiva-se documentar parte da história político-pedagógica do país tendo o exílio como acontecimento social, coletivo e individual. Justifica-se por entremear passado, presente e futuro e por contribuir na construção de sociedades menos autoritárias. Ancora-se na abordagem qualitativa que acessou vasto conjunto de fontes documentais e não documentais reunidas em cidades, estados e países, originando um texto eivado por intertextualidades. Resultados inéditos de pesquisa mapeiam a Diáspora Freiriana, os realinhamentos institucionais e relacionais no período, as experiências da circulação entre as Américas, Europa e África e as redefinições do pensamento e da práxis do casal no âmbito da Educação e da EJA, dando visibilidade a Elza mulher, professora, mãe, esposa, exilada, camarada.

**Palavras-chave:** Golpe de 1964; Exílio Brasileiro; EJA; Elza Freire; Paulo Freire.

### Introito

[...] o exílio foi outra experiência de vida que serviu para a gente entender mais a vida, se doar mais ao mundo, ter mais compreensão com o outro [...] uma das coisas que o exílio dá fortemente é ver o outro. Elza Freire (1980, p. 204).

O alinhavo para o texto acontece, por um lado, como parte dos processos e resultados de pesquisas no campo da EJA e, por outro, como registro do período para sociedade brasileira e a história político-pedagógica do país.

Há vestígios, tanto do caráter memorialístico ao discutir fatos passados, quanto das conexões entre presente e futuro, amplificando momentos em que a expansão democrática e as utopias educativas foram interrompidas por um golpe de Estado. Em ambos, o sentido é de oposição às ditaduras no Brasil e no mundo e a favor da luta pela

Educação pública e gratuita que vise à criação de sociedades mais viáveis e menos desiguais.

A história é objeto de (re)construção e interpretação, os tempos e lugares estão em rearranjos constantes embaralhando os fragmentos e as percepções do real. As memórias<sup>1</sup> como intermediações da linguagem se fazem também com sujeitos de carne e osso, nome e sobrenome.

O trabalho é parte indissociável de fontes capazes de legitimar e documentar desde o golpe de 1964, a ditadura, o exílio, até a anistia de 1979 a partir dos percursos de Elza Freire<sup>2</sup> vinculados aos de Paulo e do casal à Educação.

Os cenários nos quais acontecem a inserção dela e atuação do casal são critérios para as descrições, análises e interpretações de acontecimentos durante as experiências<sup>3</sup> do exílio brasileiro.

O foco nesses acontecimentos estimula a reflexão crítica e viabiliza a discussão de itinerários de coletivos acometidos pelos golpes de Estado e as ditaduras como tática utilizada pelas elites, nacionais e internacionais, que cercearam direitos humanos, políticos e civis, que capturando a democracia visaram interromper o aprofundamento da participação política popular e produziram violência, morte, exílio...

Eles provocam a: como esses tempos/lugares têm sido reencenados nas pesquisas, que resquícios há neles das práticas sociais, quais significados lhe são atribuídos? Eles articulam os campos da EJA, História, Sociologia, Pedagogia, Ciência Política tendo em vista as tensas relações entre sociedade, Educação, cultura e formação humana em recorrentes golpes, ditaduras e exílios.

O exílio pode ser compreendido como mecanismo de perseguição, eliminação e afastamento de grupos questionadores e/ou opositores da ordem estabelecida a partir do golpe e como experiência vivida por duas gerações de exilados brasileiros<sup>4</sup>, de 1964 e

---

<sup>1</sup> A memória não é o alinhamento objetivo dos fatos passados, mas interpretação e construção, imaginação e composição. É o tempo narrado na história a partir das experiências (LARROSA, 2002).

<sup>2</sup> Elza Maia Costa Oliveira nasceu em 1916, no Recife. Concluiu o magistério em 1935. Concursada, atuou como professora e diretora. Ao mesmo tempo trabalhou no MEB e MCP até 1964 – quando estava em Brasília para o PNA e veio o golpe, tornando Paulo exilado. O retorno ao Brasil se dá em 1979 e definitivo em 1980. Em 1986 ela falece. Após o casamento com Paulo Régulus Neves Freire passa a assinar Elza Maia Costa Freire. O casal se faz conhecido nacional e internacionalmente como: Elza Freire e Paulo Freire (XXXXXXXX, XXXX; XXXX).

<sup>3</sup> Proponho “pensar a Educação a partir do par experiência/sentido [...] A experiência é o que nos passa, nos acontece e nos toca” (LARROSA, 2002, p. 20-28).

<sup>4</sup> Com Rollemberg (1999) entendo que a geração de 1964 é marcada por cassações vinculadas ao governo Jango e a geração de 1968 é atingida pelo AI-5 que acossa as organizações clandestinas, os movimentos estudantis e a luta armada.

1968, ambas expulsas pela ditadura. Embora as saídas do país ocorreram antes, durante e após essas datas percebe-se diferentes ciclos de táticas, violência e repressão. Elza Freire pertence a primeira geração, a de 1964 e, Paulo também.

### **Em retrospectiva...**

Os cenários político-pedagógicos nos quais Elza Freire atua, coadunam com a perspectiva de que o exílio desenvolve papel fundamental nas configurações nacionais, latino-americanas e mundiais. Ser exilado para o indivíduo e o grupo representa

[...] comporta dolor y sufrimiento – desarraigo, perda de identidad, la interrupción violenta de todas las actividades de la vida cotidiana [...] un violación de los Derechos Humanos; por último, los exilados realizaron un labor político de denuncia internacional del terrorismo de Estado (YANKELEVICH, 2007, p. 11).

Denúncia cuja retrospectiva nos leva ao fato de que aconteceu o golpe de 1964 e depôs o Governo Goulart, instaurando a ditadura no Brasil e conseqüentemente o exílio. É um tempo que permanece vivo, são percursos de vida alterados drasticamente.

Mulheres, homens, jovens, crianças, famílias, atingidos com: Atos Institucionais; cassação de direitos políticos dos tidos subversivos ou perigosos; repressão aos movimentos populares e sociais; manifestações de proibição contrárias à liberdade; cerceamento aos meios de comunicação; censura aos artistas, intelectuais, estudantes e militantes; alinhamento ao imperialismo norte-americano; controle dos sindicatos; implantação do bipartidarismo com oposição controlada; enfrentamento armado aos movimentos de guerrilha adversos ao governo vigente; uso de métodos violentos de punição, tortura, prisão, desaparecimentos e mortes; expulsão, exílio e banimento dos opositores e considerados contrários à moral e à ordem pública estabelecida.

Sem condições de aprofundar é importante analisar o golpe de 1964 como parte do processo histórico das transformações econômicas, políticas e sociais em curso na sociedade brasileira (FERNANDES, 1975; GORENDER, 1987; DREIFUSS, 2008).

Seguido ao golpe de 1964 demonstrações do poder autoritário e do aparato repressivo e violento do Estado utilizado pelo regime de governo que se manteve entre 1964/1985 marcam brasileiros que saíram do país, em virtude de se tornarem alvo da ditadura e da repressão, dentre eles, os Freires: Elza, Paulo e os filhos.

Registra-se, particularmente, a invasão por tanques do exército nas sedes do Movimento de Cultura Popular (MCP) e Movimento de Educação de Base (MEB) em Recife. Fechados tiveram acervos queimados e apreendidos... manifestações ditatoriais,

interrompem o trabalho que vinha se realizando e na tentativa de coibir ideias e práticas numa demonstração de força e poder<sup>5</sup>, se fazem atentados a movimentos e eliminação de sujeitos pertencentes a eles.

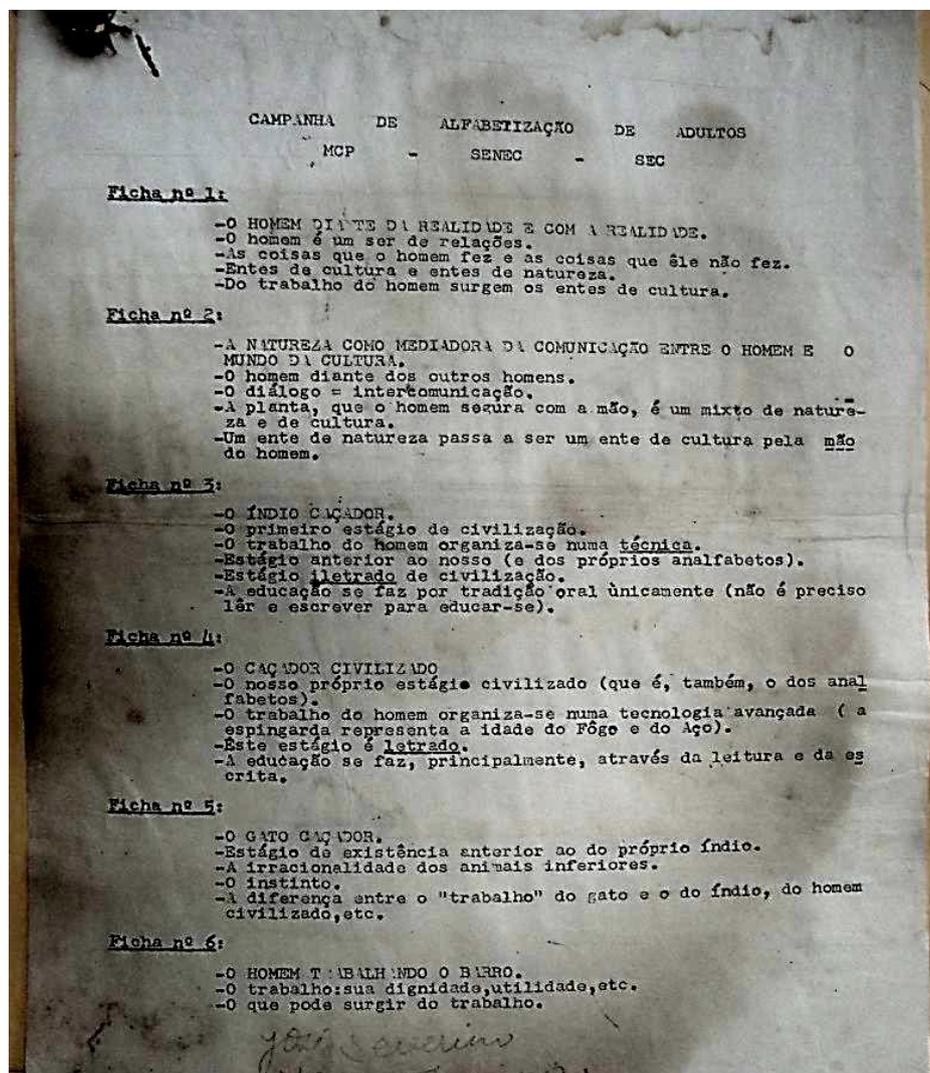


Figura 01 – Ficha da Campanha de Alfabetização de Adultos com marcas do incêndio durante a invasão à sede do MCP de Recife após o golpe de 1964.

Fonte: Disponível em XXXXXXXXX, XXXX, p. XXX.

O registro mostra a atuação de Elza Freire com ênfase às ações do casal ao configurar como elas repercutiam no cenário nacional, depois internacional, prova um engajamento que a leva dizer que “fizemos juntos, Paulo e eu, o trabalho de alfabetização [...] fiquei com a parte metodológica, com a elaboração da coisa” (FREIRE, Elza, 1980, p. 203).

<sup>5</sup> A ficha integra materiais da proposta para a Campanha de Alfabetização de Adultos, elaborada por Elza Freire, Paulo e equipes, realizada pelo MCP, SENAC e SEC, em Recife e outras localidades. Há sinais de incêndio nas bordas, em virtude da intervenção/encerramento das atividades e do grupo com o golpe.

Partícipe desses acontecimentos o casal Freire emerge de uma época e reflete o espírito de um tempo<sup>6</sup>. Eles alcançaram uma notoriedade que os acometeu com o exílio, pois suas propostas político-pedagógicas voltadas para adultos analfabetos despertavam interesses, conquistavam adeptos e formavam opiniões, de consenso ou controversas.

A oficialização do trabalho de Paulo Freire (e Elza) representava a incorporação a nível ministerial da orientação de atividades ligadas à Educação de Adultos desenvolvidas no nordeste, isso gerou inquietações a ponto do Plano Nacional de Alfabetização (PNA) ser suspenso em 02 de abril de 1964 e extinto em 14 de abril pelo decreto 53.886, num dos primeiros atos da ditadura. A rapidez nessa deliberação sugere o perigo que representava para o novo governo a proposta que o casal elaborou e atuou.

Paulo à época ficou associado aos governos de Arraes e Goulart, desde as 40 horas de Angicos até o PNA. E ao seu lado, uma mulher – Elza Freire.

Os percursos de Elza Freire não se alicerçam a um período e a uma vertente biográfica, na medida em que foram descritos e analisados a partir de uma realidade coletiva e não como aspecto particular. As dimensões: individuais, sociais e históricas superam a perspectiva biográfica, antes de serem dimensões da vida em polos opostos elas se complementam (ELIAS, 1995).

A concepção adotada é a de que a condição de exilado não se confunde com a de asilado ou refugiado, pois o estatuto legal não cobre a diversidade de situações de exílio. Deste modo as opções se relacionam com a busca por proteção internacional, em virtude de sua discordância do *status quo* vigente no país de origem.

A saída do país é, para a maioria, a única escolha mesmo que limitada ao absurdo da opção entre ficar e morrer ou sair e viver. Então,

São exiladas as perseguidas, as punidas, as presas e torturadas. São exiladas as que sofreram perseguições indiretas. Esposas, mães, filhas e amantes. São exiladas as que perderam suas condições de trabalho, também aquelas que não puderam suportar o sufoco numa sociedade onde a ditadura desenvolveu tantas formas de opressão. E ainda aquelas que teimaram em ser livres onde as liberdades estavam cerceadas (COSTA [et. al.], 1980, p. 18).

---

<sup>6</sup> Adoto o conceito Weberiano. Weber (1999, p. 18) define o espírito como o conjunto de ideias que predominam em uma época e induzem a ação social, não pensada como ação isolada de indivíduos e sim como uma ética que informa a vida dos grupos numa determinada sociedade. Tenta apanhar a realidade histórica não em uma forma abstrata e geral, mas em concretos conjuntos de relações. Apresento a ambiência da sociedade brasileira e as mudanças ocorridas naquele período, às quais entendo refletem o “espírito de um tempo”, definido em função de visões de mundo, modos de vida, comportamentos culturais e políticos que predominaram nas práticas sociais e circunstâncias gerais dominantes.

Elza Freire professora, esposa e mãe, “brasileira, exilada, minoria [...] descobrindo outra condição também determinante e comum: Mulher(es)” (ibidem, p. 15). Uma mulher que ocupa posições em diversos tempos/espacos, em esferas públicas e privadas, permitidas a ela e conquistadas numa determinada configuração, seja no Brasil, seja pelo mundo.

Perrot (1989) discute que a presença feminina vinha sendo ignorada, excluída dos relatos oficiais e acadêmicos. Os homens exerciam o poder, protagonizavam; ao passo que as mulheres, eram mantidas em papéis subordinados, coadjuvantes, nos bastidores, longe dos refletores.

Lopes (2000, 2001) considera quase inexpressiva a ideia de se produzir estudos em torno das mulheres em ciências<sup>7</sup>. Mas, são discussões que vem se consolidando nos Estados Unidos, Inglaterra e França.

Fávero & Britto (2002) apontam que há poucas produções sobre mulheres educadoras. Referente ao exílio, Rollemberg (1999) e XXXXXXXX (XXXX) tecem considerações semelhantes. As autoras advertem que tais peculiaridades podem ser objeto de investigações.

A ausência da produção acadêmica e bibliográfica sobre mulheres se faz mais perceptível aonde predominou a análise das iniciativas na esfera pública. Outra razão desta ausência é o lugar ocupado pelas mulheres nos campos da História em geral e, em particular da Educação.

Estudos conjugados entre Educação, exílio, mulheres educadoras e Elza Freire são desconhecidos<sup>8</sup>. Portanto, busquei uma perspectiva de descrição e análise, onde subjetivo e objetivo, individual e coletivo se entrelaçam: o das experiências/emoções, o dos percursos pessoal/profissional, o da vida cotidiana e dos fragmentos do real.

Numa espécie de problematização que a memória, a história e a pesquisa instalam: por que o abuso do poder, da força, da violência? Para que serviu a coerção e a perseguição? Como documentar e re-significar o golpe, a ditadura, o exílio no Brasil? As problemáticas sociais e educacionais, as angústias das desigualdades continuam. Questões que fizeram e fazem da realidade um desafio ante o fato de que outra forma de

---

<sup>7</sup> Para aproximar pesquisadores brasileiros da temática, o *Cadernos Pagu* nº 15, 2000; traz dossiê; outros países ver KOHLSTED (1995).

<sup>8</sup> Para o levantamento das produções sobre Elza Freire, fiz diligências a bancos de dados, como a plataforma CAPES/MEC e os Arquivos Edgard Leuenroth.

existência precisa ser permanentemente construída, por mais individual que seja a experiência do sujeito, ela está inscrita na experiência coletiva e social.

Interrogar, refletir e intervir sobre isso é uma arte do fazer, uma poesia da utopia, uma dialética do real, é em suma entender um pouco melhor qual é a sociedade que estamos criando. Essa injunção abrange o conjunto da vida, quer no espaço social, na esfera familiar ou nas práticas comunitárias; abrange as experiências do exílio.

As agruras do exílio sob os auspícios da ditadura preconizam um período sombrio no Brasil. E o golpe de 1964 representou também um golpe na Educação, na EJA e uma captura da construção da democracia. São temporalidades às quais os percursos de Elza Freire permitem elaborar denúncias humanitárias, apontar processos de resistência democrática e identificar propostas político-pedagógicas.

#### A força do exílio e recordações de situações vividas pelos exilados

[...] nos compele estranhamente a pensar sobre ele [...] Ele é fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza jamais pode ser superada. E embora a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2003, p. 46).

Ainda em retrospectiva, conduzida pelo entrecruzamento de dados e fontes identifiquei a partir de Elza Freire seis marcadores no desenvolvimento e na disseminação do pensamento e da práxis de Paulo: a) as influências das experiências com adultos analfabetos no Brasil, sua fundamentação, sistematização e concretização, do final de 1950 em diante; b) a implantação do “Método Paulo Freire” a partir da realidade latino-americana e a publicação da *Pedagogia do Oprimido* no Chile em 1968; c) a atuação acadêmica em Harvard e as apropriações do multiculturalismo nos Estados Unidos; d) o trabalho problematizando questões de identidade cultural, social e política residindo na Suíça; e) os deslocamentos ideológicos e a militância nos movimentos revolucionários para libertação das colônias portuguesas a partir de 1975 através das inserções em África; f) o retorno ao Brasil, com a anistia e o fim do exílio em 1980 (XXXXXXXXX, XXXX).

#### **Caminhos e campos teóricos, metodológicos e empíricos**

No tear desta busca frenética e ininterrupta empreendida por mim se dá o manuseio dos fios com os percursos de Elza Freire – tramam-se experiências e

memórias da EJA e do exílio brasileiro, tecem-se descobertas, documentos e a história do país. Busca que partindo do mapeamento bibliográfico, levantamento das fontes primárias, documentais e não documentais me fez recorrer a abordagem qualitativa.

Brühl sustenta que a decisão sobre a utilização e a composição de métodos não deve ocorrer à margem do conteúdo e dos problemas da pesquisa. Os “métodos são a humanização da ciência”. A dialética como em qualquer processo social é base à “a conceituação do processo de pesquisa, a metodologia” (S/d; S/Ed., p. 06).

Bogdan e Biklen (1994) mostram que a aquisição de dados descritivos, conseguidos pelo pesquisador como fato pesquisado, com maior ênfase no processo do que em seu produto final, destaca preocupações para com os sujeitos. Essa interação com/entre os sujeitos da pesquisa afigura-se relevante nesse campo.

A perspectiva analítica de capturar as dimensões do macro, meso e micro (LIMA, 2001), teve como âncora os fatos históricos, políticos e pedagógicos com base nos percursos de Elza Freire que se intercalaram às experiências e aos sujeitos em virtude das combinações e reflexões que deles emergem.

Fui alinhavando a história, o passado, presente e futuro, como expressões de uma arte da memória, individual e coletiva permeada da experiência (LARROSA, 2002) e embaralhando as narrativas com elementos factuais e sensíveis (BENJAMIN, 1997).

É possível, segundo Yankelevich (2007), pensar o exílio brasileiro a partir de uma chave dupla, a do autoritarismo de Estado<sup>9</sup> e, portanto política e coletiva; e a da experiência narrada, neste caso, as memórias através dos percursos de Elza Freire.

O trabalho apresentado não tem peso estatístico para permitir generalizações de tipo quantitativo. As reflexões favorecem a escrita de uma história coletiva do golpe de 1964, da ditadura e do exílio brasileiro, tendo em vista agregar conhecimento em torno de determinados grupos e não como parâmetro para universalizar resultados.

O método e a metodologia<sup>10</sup> exigiram da minha parte uma dedicação exclusiva de organização de fontes e de realização de campo empírico, que tornaram real um trabalho (quase) arqueológico... fui de cidades a países; vasculhei estantes e gavetas;

---

<sup>9</sup> O referencial que trabalhei considera características de autoritarismo de Estado: subordinação dos poderes judiciário e legislativo ao poder executivo; repressão a oposição política e ideológica ao governo, cassação dos direitos individuais, estado de exceção, entretanto, tenho consciência que alguns autores operam com marcadores que distinguem estes regimes.

<sup>10</sup> “Método viene del término cuyo significado es el de camino hacia algo... método de investigación como en un camino que recorre quien trata de obtener conocimiento. La metodología es una cosa distinta, con un carácter más teórico: es un discurso sobre ese método... un relato del camino recorrido analizarlo o sistematizarlo” (BORREGO & PEDREÑO, 2010, p. 11-17).

incursionei por arquivos e acervos; visitei fundações e organizações; estive em embaixadas e tabancas; dialoguei com autores e pessoas; fiz transcrições e glossários; digitalizei rasgaduras e gravuras; elaborei roteiros e relatórios; escrevi diário de bordo e desenhei mapas; racionalizei o uso de recursos variados; ponderei prazos e cronogramas; ordenei temporalidades; debruicei-me por livros e manuscritos...

### **Do Nordeste brasileiro à África**

A realização de campo empírico nos dois lados do Atlântico<sup>11</sup> destaca o avanço por acessar, divulgar e analisar fontes históricas da EJA.

O desarmar dos “Escritos Íntimos<sup>12</sup>” revela que com o casal Freire: Elza e Paulo dá-se a consolidação de experiências pioneiras com Educação de Adultos, o que remete à gênese dessa Educação no Brasil. Apresento-os como vanguardistas da Educação em geral, e da EJA a partir da criação do “Método Paulo Freire”, dos “Círculos de Cultura” e das “Palavras Geradoras”.

Em face disso, entre o auge do populismo, a crise da hegemonia política e a aceleração da economia, se identificam as repercussões dos movimentos mais expressivos de Educação, Educação Popular e Cultura Popular do Brasil (FÀVERO, 1983; BEISIEGEL, 1974; PAIVA, 1973).

Para XXXXXXXX (XXXX) fatos capazes de apontar que eles (Elza Freire e Paulo) não eram tão-somente membros do MEB do MCP, mas que se metamorfosearam em figuras importantíssimas no imaginário dos governos, das cidades, das comunidades, atuando nas frentes do PNA e representando em certa medida o impulso de toda uma geração que se lançou no plano sociocultural através de ações educativas com forte conteúdo político-ideológico. Isso traz uma especificidade muito própria ao casal Freire conduzindo-os ao exílio político.

África precedida das Américas e da Europa é o continente que registra a presença de Elza Freire ao lado de Paulo e dos que, como eles exilados, participaram na reconstrução nacional junto aos movimentos para libertação das colônias portuguesas.

---

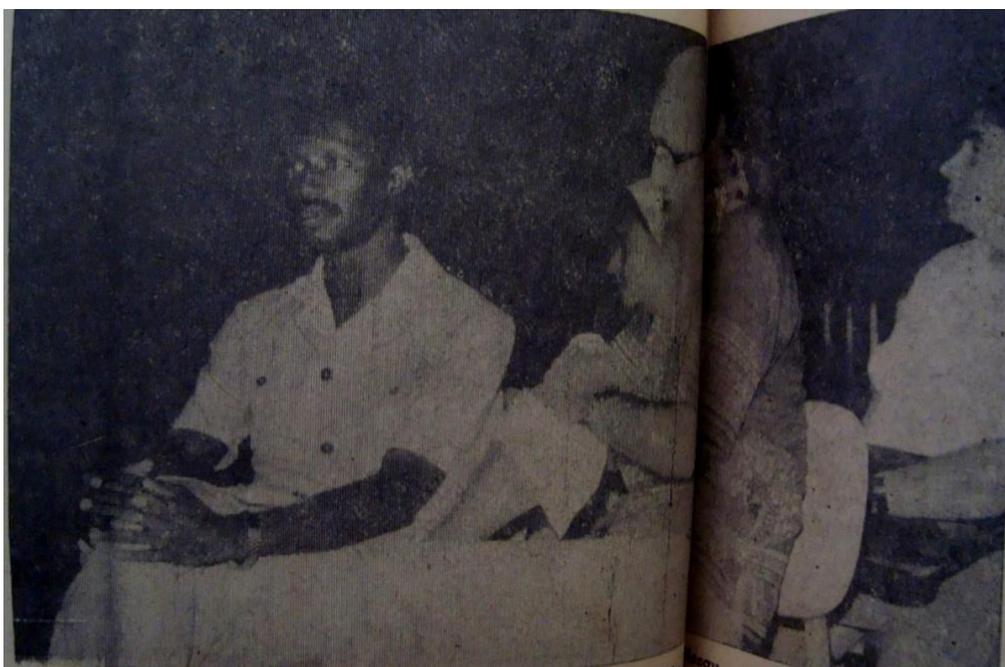
<sup>11</sup> Esta pesquisa em nível de Doutorado teve bolsa DS/CAPES e a realização de campo empírico, no período contou com financiamento: Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e Extensão, UNICAMP; Programa de Bolsas de Mobilidade Internacional Pós-Graduação 2013 Santander; Programa de Centros Associados de Pós-Graduação.

<sup>12</sup> Integra acervos de pesquisa sobre Elza Freire reunidos desde 2006 na forma de manuscritos (cadernos de receitas, agendas, papéis avulsos), constituídos a partir das fontes documentais e não documentais, primárias, oficiais e não oficiais, escritas e orais, etc.

Lá integram os governos dos recém-independentes Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, atuando nas políticas e projetos de Educação de Adultos.

De algum modo, a retomada profissional de Elza Freire é forjada em África, considerando que as dinâmicas de seu trabalho decorridas das inserções político-pedagógicas com Paulo no âmbito daquelas realidades revelam a militância e o alinhamento do casal com o Partido Africano para Independência de Guiné Bissau e Cabo Verde (PAIGC) e as Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP).

Naqueles cenários Elza Freire e Paulo são denominados “camaradas”, como parte do desafio que não pertencia apenas aquele povo, mas que fazia parte dos que com eles se comprometiam pela Educação como elemento de uma ordem social democrática. O casal passa a integrar o grupo de camaradas, composto por: Luís e Mário Cabral, Augusta Henriques em Guiné-Bissau; Pepetela e Agostinho Neto em Angola; Aristides Pereira e Lilica Boal em Cabo Verde; Manuel Pinto da Costa e Maria Amorim em São Tomé e Príncipe; que contando com a Educação lutavam para instalar os governos independentes nessas ex-colônias de Portugal (XXXXXXXXX, XXXX, p. XXX).



**Figura 03 – Elza Freire, Paulo e Mário Cabral. Guiné-Bissau, 1976.**  
Fonte: Disponível em XXXXXXXXXXX, XXXX, p. XXX.

O casal exilado brasileiro, Elza Freire e Paulo, se converte em camaradas e ante o debate contemporâneo é referência na história, nas memórias, nos povos e países que lutam pela extinção do analfabetismo. Os camaradas tem em comum o ideal de que por

meio, inclusive, da Educação para todos se consolidaria a independência e a soberania dos novos países (XXXXX & XXXXXXXXX, XXXXX).

Criei condições investigativas a fim de apontar as inserções de Elza Freire e Paulo no exílio ao entremear datas, fatos, vínculos institucionais, relacionais e profissionais, depoimentos<sup>13</sup>, provas do real ao mostrar a importância do trabalho que eles realizaram durante o período desenvolvendo uma cronologia factual da atuação dela/deles lá naquelas dimensões de vida e de realidade, daquelas configurações de EJA.

### **Fases do exílio brasileiro e faces da EJA**

Há marcadores que me orientaram a classificar o exílio brasileiro a partir dos percursos de Elza Freire em três fases:

1ª – Américas: Mostra rotas perseguidas desde o Brasil, inicialmente internas, acompanhadas por inquéritos, prisões e fugas, depois externas passando pela Bolívia, chegando ao Chile e de lá para os Estados Unidos, que conduziram ao segundo exílio, o latino-americano. De 1964 a 1970.

2ª – Europa e África: A Europa marca, sucessivamente, novas partidas e o retorno ao Brasil se afasta junto ao distanciamento da América Latina. Fato que impulsionou a inserção em outros continentes, sobretudo no Africano. Década de 1970.

3ª – Retorno ao Brasil: Os itinerários de exílio compreendem o retorno ao país, a partir da Lei de anistia, cujo ápice é 1979. Elza Freire e Paulo visitam o país em 1979 e o retorno definitivo é 1980.

Indo do Nordeste brasileiro a África se percorre as 3 fases e as configurações sociais, políticas e pedagógicas nas quais Elza Freire se insere e atua com Paulo. No Brasil assumem a visibilidade nacional, depois nas quais um contingente de brasileiros exilados vai gradativamente fazendo parte. Isso indica que no exílio o casal transita em torno das esferas dos projetos pessoais e coletivos.

Pois bem: em que cenários construídos se podem compreender uma época, um tempo, uma mulher, muitos lugares – Elza Freire? Que posição ela e Paulo ocupam em escala nacional, regional e local, a ponto de terem que sair do país quase junto com o presidente Goulart? Por quais vias se dá o exílio, a saída do nacional, a chegada ao internacional e as permanências? Quais os impactos para seus vínculos familiares,

---

<sup>13</sup> Lancei mão de depoimentos que se vincularam aos percursos de Elza Freire ao lado de Paulo, no período, por exemplo: os filhos, Plínio Sampaio, Almeri Bezerra, Osmar Fávero, Silke Weber, Thiago de Mello, Vera Barreto, Mário Cabral, Maria Amorim.

profissionais, relacionais? Como era o cotidiano nos países de acolhida, as adaptações com o desconhecido e o agrupamento de brasileiros exilados? Qual o papel da militância e das redes relacionais já constituídas e das que passam a existir? De que maneira as experiências do exílio são revertidas em propostas político-pedagógicas? Quais as marcas do período nas concepções da EJA que vincam o pensamento do casal Freire? Por que Elza Freire não teve o reconhecimento político, educacional e social da academia? E por que tanto para a academia, quanto para a obra e vida de Paulo Freire a sua imagem de mulher educadora ainda continua sendo exilada?

As indagações anunciadas se prestam a dialogar com uma pedagogia da pergunta (FREIRE & FAUNDEZ, 1985) e a fundamentar as fases do exílio brasileiro em face à EJA.

A memória da luta social me desperta para questões cruciais: - problematizo as ditaduras como ação do Estado, que por sua dinâmica, e apoio de determinados setores sociais, encobre certas utopias e produz exílios; - dou visibilidade ao papel de coletivos que atuaram nos limites da ordem e/ou da clandestinidade e construíram projetos e ações que perspectivavam sociedades mais justas e igualitárias.

Américas, Europa, África e retorno ao Brasil são interpretações capazes de dar visibilidade a fatos da história do país para que não se esqueça de acontecidos e vividos, de sujeitos envolvidos e que não mais aconteça. Essas fases do exílio brasileiro denunciam e anunciam outras com a anistia. Anistiar é um dos gestos para reparar injustiças de ontem e reconhecer a democracia – ideais caros à Elza Freire e Paulo, e também se lembrar do Brasil de hoje, que precisa saldar dívidas em relação aos analfabetos e, em particular aos adultos analfabetos. Elza Freire e Paulo serão plenamente anistiados quando o Brasil estiver livre do analfabetismo e isso é indissociável da EJA.

### **Diáspora Freiriana**

Não há um exílio, e sim muitos exílios, é o exílio no exílio. Os exílios de Elza Freire são denominados por mim como Diáspora Freiriana que traça deslocamentos, mapeia percursos, cruza fronteiras e percorre lugares. Ela se constitui como itinerários do exílio brasileiro e referência para grupos de exilados que seguiram rotas similares.

Diáspora Freiriana esquadrinha as 3 fases do exílio brasileiro. As lutas cotidianas que pulsam nessas sociedades instauram realidades que se constituem na

contradição entre o conformismo e a resistência (CHAUÍ, 1985).

O processo do exílio provocou a circulação<sup>14</sup> que experienciada por Elza Freire pode ser qualificada diaspórica, na proporção em que a memória individual e coletiva se liga concomitantemente a multiplicidade de lugares vividos na diáspora (BRUNEAU, 2009; CORTES & FARET, 2009; COURGEAU, 1988; HALL, 2006).

Os espaços de circulação nesta perspectiva, não são apenas lugares de origem, de trânsito ou de destino, eles representam lugares de relação, portanto, espaços de vida (COURGEAU, 1988). E a impossibilidade de retornar ao país de origem produz rupturas que implicam vínculos com/em outros territórios. “A desterritorialização é acompanhada por uma reterritorialização” (BRUNEAU, 2009, p.42 – tradução nossa).

Por esses territórios se embaçam as fronteiras entre o “nós” e os “outros” e o exilado é empurrado a ajustes sociais que trazem a violência; primeiramente, na condição de ser expulso de seu país sendo o seu retorno inviabilizado pelos riscos a sua integridade física. Depois, demora a vincular-se ao novo território, nutrindo orfandade. Em todos eles é o estar fora do lugar (SAID, 2004).

Esse “fora do lugar” no exílio produz diásporas ao colocar grupos nacionais em territórios circulantes e ao impedir o retorno. É uma dinâmica descentralizada, policêntrica e com limites e fluxos cartográficos mal definidos.

A partir dos percursos de Elza Freire mapeei os percursos individuais dos Freires para ligar os pontos “fora do lugar” e registrar como o exílio brasileiro foi se sucedendo numa diáspora em escala local, regional, nacional e internacional.

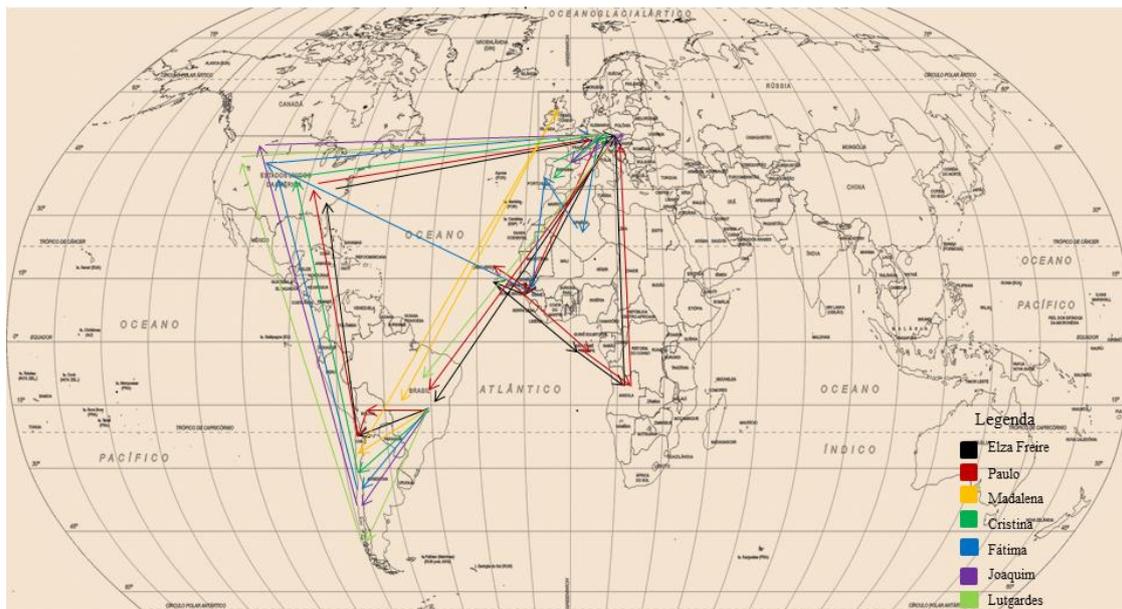
A Diáspora Freiriana traz espaços de vida que provocaram percursos de circulação e experiências de reconversão<sup>15</sup> associados ao exílio. Elas foram capazes de impactar percursos pessoais, escolares, profissionais, familiares, interferir nos processos identitários, nos significados e nas formas de encará-las. O que passa a constituir o corpus das propostas político-pedagógicas de Elza Freire e Paulo no campo da EJA.

As identidades diaspóricas são marcadas por vínculos distantes com o país de origem e elos estabelecidos nas impermanências em diferentes países de acolhimento.

---

<sup>14</sup> Optei pelo conceito de circulação para referir-me aos percursos de Elza Freire durante o exílio porque entendo que ele recobre as situações onde a mobilidade e não a fixação predomina como elemento organizador das dinâmicas sociais, individuais e grupais.

<sup>15</sup> Os conceitos de reconversão (SAINT MARTIN, 1995) e identidade (DUBAR, 2009) se referem a trabalhos realizados pelos sujeitos ou grupos mobilizando recursos detidos (econômicos, culturais, simbólicos e sociais), e também as oportunidades, as disposições e as perspectivas em relação ao futuro. Juntos potencializam a compreensão de processos de formação e construção de identidades ou de composição e recomposição de percursos de sujeitos ou grupos.



**Figura 04 – Mapa da Diáspora Freiriana traçado a partir dos percursos de Elza Freire durante o exílio brasileiro de 1964 a 1979.**

Fonte: Disponível em XXXXXXXX, XXXX, p. XXX.

A Diáspora Freiriana contida no mapa aponta que Elza Freire e Paulo Freire sistematizaram e ampliaram sua proposta junto à Educação e, particularmente à EJA, com adaptações do que aconteceu no Brasil e incorporações do que foram realizando em muitos países, vinculados a instituições, organizações, partidos e redes relacionais como parte das experiências do período. Por exemplo: na Bolívia, nos quadros do Ministério da Educação do Governo Estenssoro; no Chile junto ao Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária (ICIRA) e a Colônia de brasileiros exilados; nos Estados Unidos a convite da Universidade de Harvard; na Suíça com o Conselho Mundial de Igrejas e o Instituto de Ação Cultural (IDAC); em África com o PAIGC e as FARP (XXXXXX & XXXXXXXXX, XXXX).

### **(In) Conclusões**

Esse conjunto de escritos sobre o golpe de 1964, a ditadura e o exílio brasileiro sobrepostos aos percursos de Elza Freire compõem experiências que se tornaram decisivas na redefinição do país, da Educação e de vidas.

Demonstrei como tais percursos produziram uma memória e que no entrecruzamento deles, os processos apesar de heterogêneos e ambíguos, ocorrem simultaneamente e recobrem as experiências dos exilados com perdas e inflexões e também com abertura de horizontes e ampliação de oportunidades. O exílio compreende

dor, saudade, rupturas, emancipação e em seu bojo acontecem reconversões identitárias e circulação que provocam desterramentos, apátridas, estigmas e diásporas.

O exílio tem papel decisivo de modo geral nos percursos dos brasileiros e particularmente nos de Elza Freire (e Paulo), na proporção em que obriga a se deparar, conviver e intervir em realidades tão distintas daquelas conhecidas. Neste movimento é possível compreender as mediações político-pedagógicas do casal Freire que propõe que a leitura do mundo preceda a leitura da palavra (FREIRE, 1997, p. 11).



**Figura 05 – Casal Freire, autoria de Claudius Ceccon, na forma de depoimento.**

Fonte: Disponível em XXXXXXXX, XXXX, p. XX.

As fontes fundamentam as três fases do exílio brasileiro. Elas, concomitante, sustentam que a inserção político-pedagógica de Elza Freire e Paulo já no Brasil os aproximou no exílio dos grupos revolucionários que circularam pelas Américas, Europa e África e Retorno ao Brasil e como essas inserções comparecem na EJA.

Apresento ainda resultados aonde a periodização estabelece parâmetros para melhor compreensão e análise: 1) Elza Freire – uma mulher em tempos e espaços do exílio; 2) os percursos dela entrelaçados ao da família – a Diáspora Freiriana; 3) o levantamento das suas estratégias de partidas, chegadas, sobrevivência e adaptações; 4) identificação dos vínculos – institucionais, organizacionais e relacionais, estabelecidos e

mantidos; 5) as metamorfoses do casal Freire ao nível conjugal, profissional, político, teórico, prático e ideológico; 6) o rompimento com provincianismos e paroquialismos locais, regionais e nacionais e o acesso ao status de esquerdistas; 7) a radicalização das sistematizações do pensamento e da práxis do casal Freire em torno da Educação, de modo geral, e da EJA, de modo muito particular.

A ditadura é o intolerável. O exílio, como consequência direta dela, ajuda-nos ao enfrentamento necessário contra as intolerâncias. Na pesquisa estão ausências e presenças do golpe de 1964 e da ditadura que mudou o Brasil e do exílio que transformou Elza Freire, Paulo e seus filhos: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes e incontáveis brasileiros.

Assim, descrever percursos, recobrar memórias, investigar processos, é forma de resistência, de tentar impedir governos ditatoriais, recusar situações sociais de controle, opressão e, violação de direitos, é fortalecer a sociedade democrática, a liberdade, a Educação e a vida nos cenários contemporâneos e políticos-pedagógicos da EJA.

## Referências

- BEISIEGEL, C. de R. *Estado de Educação Popular*. São Paulo: Pioneira, 1974.
- BENJAMIN, W. O narrador - considerações sobre a vida de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*, São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORREGO, I. G. & PEDREÑO, A. Presentación. In: *Empiria. Revista de Metodología de Ciencias Sociales*, nº 19, enero-junio. Madrid: UNED, 2010.
- BRÜHL, D. *Método Científico e Objeto nas Ciências Sociais: algumas reflexões sobre o caráter dialético do processo de pesquisa em Ciências Sociais*. S/d; S/Ed. Mimeo.
- BRUNEAU, M. Pour une approche de La territorialité internationale: lês notions de dispora et de communauté transnationale. In: ARAB, C. [et. al.]. *Les circulations transnationales. Lire les turbulences migratoires contemporaines*. Paris: Armand Colin, pp. 29-42, 2009.
- CHAUÍ, M. *Conformismo e Resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CORTES, G. & FARET, L. La circulation migratoire dans “l’ordre dès mobilités. In: ARAB, C. [et. al.]. *Les circulations transnationales. Lire les turbulences migratoires contemporaines*. Paris: Armand Colin, 2009.

- COURGEAU, D. *Methodes de mesure de la mobilité spatiale: migrations internes, mobilité temporaire, navettes*. Paris: L'Institut national d'etudes demographiques, 1988.
- COSTA, A. de O. [et. al.] (Orgs.). *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- DREIFUSS, R. A. *1964: a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DUBAR, C. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- ELIAS, N. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.
- FÁVERO, M. de L. A. & BRITTO, J. de M. (Orgs.). *Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- FÁVERO, O. *Cultura popular, educação popular, memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Grall, 1983.
- FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.
- FREIRE, Elza. Setembro de 1977. In: COSTA, A. de O. [et. al.] (Orgs.). *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo, Cortez: 1997.
- \_\_\_\_\_. & FAUNDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- GORENDER, J. *Combates nas trevas. A esquerda brasileira: Das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- KOHLSTED, S. G., *Women in the History of Science: an Ambiguous Place*. In: Osiris, vol. 10, p. 39-58, 1995.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: *RBE* nº 19, p. 20-28, 2002. Rio de Janeiro.
- LIMA, L. C. *A escola como organização educativa*. São Paulo: Cortez, 2001.
- LOPES, M. M. Apresentação. In: *Gênero, ciências e história*, Cadernos Pagu, nº 15, 2000. Campinas: IFCH/UNICAMP.

\_\_\_\_\_. Mulheres e ciências no Brasil: uma história a ser escrita. In: PÉREZ SEDEÑO, E. & ALCALÁ CORTIJO, P. (Orgs.). *Ciencia y género*. Philosophica Complutensia nº 15. Madri: Universidad Complutense de Madrid, 2001.

XXXXX, X. & XXXXXXXXX, X. X. X XXXXXXXXX XXXXX XXXXXXX XX  
XXXXXX X XXXXXXXXX XX XXXXXXXXX, XXXXXXX X XXXXXXXXXX, XXXXX.

PAIVA, V. *Educação Popular e Educação de Adultos, contribuição à História da Educação Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1973.

PERROT, M. Práticas da Memória Feminina. In: *RBH*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1989.

ROLLEMBERG, D. *Exílio entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SAID, E. W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

SAINT MARTIN, M. de. Reconversões e reestruturações das elites: o caso da aristocracia em França. In: *Análise Social*. Universidade de Lisboa: Portugal, nº 134, p. 1023-1039, 1995.

XXXXXXXXX, X. X. XXXXXXXXXXXX XX XXXXXXXXXXXXXXX: XXXX XXXXXX – XXX  
XXXX XXX XXX XXXXXXXXX. XXXXXXXXXXXXXXX XX XXXXXXXXX, XXXXXXXXX:  
XXXXXXXXXXXX XX XXX XXXXXXXXXXXXX XX XXXXXXXXXXX, XXXXXXXX, XXXX.

\_\_\_\_\_. XX XXXXXX XX XXXXXXXXX X XX XXXX XX XXXXXX – X XXXXXXX, X  
XXXXXXXXX X XX XXXXXXXXXXX XX XXXX XXXXXX XXX XXXX XX XXXX X XXXX.  
XXXX XX XXXXXXXXXXX, XXXXXXXXX: XXXXXXXXXXX XX XXX XXXXXXXXXXX  
XX XXXXXXXXXXX, XXXXXXXX, XXXX.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1999.

YANKELEVICH, P. y JENSEN, S. (Orgs.). *Exilios: destinos y experiencias bajo la dictadura militar*. Buenos Aires: Del Zorzal, 2007.